

DISFORIA DE GÊNERO: REFLEXÕES TEOLÓGICAS COM VISTAS AO ACONSELHAMENTO PASTORAL

GENDER DYSPHORIA: THEOLOGICAL REFLECTIONS WITH A VIEW TO PASTORAL COUNSELING

Nathan Felipe Hoffmann¹

Leonidio Schulz Görl²

Resumo: O tópico de estudo do presente artigo é: reflexões teológicas pastorais a respeito da disforia de gênero. O objetivo principal desta pesquisa é elucidar o tema disforia de gênero e relacioná-lo ao aconselhamento pastoral. A pergunta que se pretende responder é: Quais conhecimentos sobre a disforia de gênero são importantes para a ação pastoral com pessoas que apresentam essa característica. A metodologia de pesquisa deste artigo é do tipo qualitativa, e quanto aos seus objetivos é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa indicam que a disforia de gênero envolve uma angústia na qual as pessoas não se identificam com seu sexo de nascimento. No entanto, de acordo com as Escrituras Sagradas, a humanidade foi criada à imagem e semelhança de Deus, e o corpo é considerado um presente

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2021). Pós-Graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2023). Artigo de conclusão para obtenção de Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2023). Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia pelo Instituto Concórdia de São Paulo (1999). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman (2013). Especialista em Psicanálise Clínica, Faculdade de Ciências e Educação pela UNIVES, Espírito Santo (2016). Mestrando em Teologia Prática no Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS. Mestrando em Teologia Prática, Faculdades EST (2023) em São Leopoldo, RS.

divino. Tragicamente, o pecado causou um afastamento dessa condição original. Por outro lado, Jesus Cristo desempenha um papel crucial ao justificar e restaurar as pessoas, enquanto o Espírito Santo as auxilia na busca da vontade de Deus.

Palavras-chave: Gênero. Sexo. Identidade. Aconselhamento pastoral.

Abstract: The topic of study of this article is: pastoral theological reflections regarding gender dysphoria. The main objective of this research is to elucidate the topic of gender dysphoria and relate it to pastoral counseling. The question we intend to answer is: what knowledge about gender dysphoria is important for pastoral action with people who present this characteristic. The research methodology of this article is qualitative, and its objectives are exploratory in nature. The technical investigation procedure used was bibliographical research. The research results indicate that gender dysphoria involves anguish in which people do not identify with their birth sex. However, according to the Holy Scriptures, humanity was created in the image and likeness of God, and the body is considered a divine gift. Tragically, sin caused a departure from this original condition. On the other hand, Jesus Christ plays a crucial role in justifying and restoring people, while the Holy Spirit assists them in seeking God's will.

Keywords: Gender. Sex. Identity. Counseling. God.

INTRODUÇÃO

Conversando com pastores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) ao longo do ano de 2022 e durante a elaboração deste artigo, foi observado um significativo anseio por parte deles em relação às questões que envolvem gênero e sexualidade. Muitos deles relataram enfrentar consideráveis desafios ao abordar tais temas com os membros da congregação, além de não saberem aconselhar pastoralmente nos casos em que membros relatam ter disforia de gênero.

Portanto, diante da dificuldade de proporcionar orientação embasada nas Sagradas Escrituras em casos de disforia de gênero, este artigo se propôs a oferecer uma perspectiva teológica-pastoral que possa servir como um recurso no aconselhamento pastoral a indivíduos que enfrentam conflitos

em relação à sua identidade de gênero e sexualidade, especialmente ao se constatar uma disforia de gênero.

É fundamental ressaltar que este artigo não se aprofundará em questões ideológicas sobre gênero, mas se concentrará em fornecer apoio teológico às pessoas que vivenciam desafios em sua identidade e sexualidade, considerando as questões da não conformidade de gênero.

CONCEITO CONTEMPORÂNEO DE GÊNERO

Antes de definirmos o que é a disforia de gênero, é importante compreendermos os conceitos contemporâneos de gênero que existem.

Segundo Schwambach (2017, p.109), o conceito contemporâneo de gênero apareceu pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 1950, a partir de uma pesquisa do sexólogo John Money (1921-2006) sobre casos clínicos de hermafroditismo. Money, ao estudar esses casos, introduziu a distinção entre “sexo” e “gênero” para descrever a identidade de gênero, que não necessariamente coincide com a identidade biológica.

Um dos eventos mais notórios relacionados a John Money foi o trágico caso de David Reimer,³ que foi submetido a uma cirurgia de redesignação sexual na infância após um acidente cirúrgico durante a circuncisão. Money propôs para os pais que Reimer fosse criado como uma menina, fazendo inclusive uso de hormônios durante toda a sua criação. A partir desse caso, ele queria argumentar que a identidade de gênero poderia ser moldada pela criação e pela identificação social, independentemente da biologia. No entanto, o caso de Reimer também levantou diversas críticas e debates sobre as práticas médicas envolvidas e as consequências a longo prazo. Infelizmente, após um intenso sofrimento devido à experiência a que foi submetido, Reimer cometeu suicídio aos 38 anos de idade.

A partir de Money, o conceito de gênero começou a ser amplamente adotado e discutido nas ciências humanas e sociais, e o termo “gênero” tornou-se uma parte fundamental das pesquisas sobre identidade de gênero,

3 O Serviço Mundial da British Broadcasting Company (BBC News) transmitiu um documentário sobre o caso Reimer no ano de 2010, com falas e entrevistas com o próprio David Reimer. O resumo pode ser acessado aqui: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101123_ge-meos_mudanca_sexo>.

papeis de gênero e questões relacionadas à diversidade de gênero. Institutos de pesquisa de gênero foram estabelecidos,⁴ refletindo o crescente interesse acadêmico e social na compreensão das questões de gênero e na promoção da igualdade de gênero.

É importante lembrar que a compreensão e o debate sobre o gênero continuaram a evoluir ao longo do tempo, com novas perspectivas, teorias e abordagens surgindo em várias disciplinas, incluindo sociologia, psicologia, antropologia e estudos de gênero.

RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E SEXO

Tradicionalmente, a sociedade identifica o gênero de um indivíduo com base em critérios anatômicos que estão presentes no momento do nascimento. No entanto, essa não é a única dimensão a ser considerada na compreensão da identidade de gênero de uma pessoa. É importante reconhecer que a identidade de gênero de um indivíduo pode não coincidir com o sexo de nascimento (FERRARI, CAPELARI, 2014, p.7).

Portanto, contrariando a noção de que o corpo com o qual alguém nasce deveria ser o único fator determinante para a identidade de gênero, Ferrari, Capelari (2014) enfatizam que a cultura desempenha um papel importante nessa definição.

Isso significa que as expectativas e normas sociais em relação aos comportamentos, papéis e identidades de gênero são altamente influenciadas pelo ambiente cultural que uma pessoa vive. Em diferentes sociedades e ao longo da história, essas normas e expectativas podem variar significativamente. O que é considerado “adequado” ou “normal” para uma pessoa com base em seu gênero, frequentemente reflete as normas culturais predominantes.

No entanto, para a pesquisadora Marguerite Peeters (2015), a partir dos anos 80, a distinção entre sexo e gênero alcançou um consenso entre

4 Alguns exemplos no Brasil são: Instituto de Estudos de Gênero (IEG), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (<https://ieg.ufsc.br/>); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (<https://ifrs.edu.br/ensino/assessoria-de-acoes-inclusivas/nucleo-de-estudos-e-pesquisas-em-genero-e-sexualidade-nepgs/>); o Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (EGEDI), da Fundação João Pinheiro (FJP), no estado de Minas Gerais (<https://fjp.mg.gov.br/grupo-de-pesquisa-estado-genero-e-diversidade/>).

teóricos feministas e homossexuais, passando a servir de plataforma conceitual, a partir da qual passou-se a lutar ideologicamente por uma revolução cultural de gênero e pela planetarização da perspectiva do gênero. Ela define gênero e sexo da seguinte maneira:

[...] o gênero corresponde (...) às características masculinas e femininas, que seriam construídas pelo ambiente social, aprendidas na educação, no curso do processo de socialização (reprodução social), e que mudam conforme a época e as culturas. Em contraposição, o sexo seria, por natureza biológica, imutável (PEETERS, 2015, p.42).

Com essa definição de Peeters, podemos entender que o gênero diz respeito às características sociais e culturais que cada pessoa tem, que mostram a sua feminilidade ou masculinidade, adquirida no decorrer de sua vida. Essas características podem (ou não) mudar com o tempo, independentemente do sexo biológico da pessoa. Por outro lado, o sexo é definido pela biologia, e esse não pode mudar. Ao nascer, a criança mostrará características físicas que definem o seu sexo biológico.

No entanto, para a teórica feminista Judith Butler (2018) não existe apenas uma distinção entre sexo e gênero, mas realmente a possibilidade de uma verdadeira separação entre sexo e gênero. Dessa forma, não seria mais necessário haver uma ligação entre a biologia e o papel social na formação da identidade sexual ou de gênero de uma pessoa. Segundo ela:

[...] mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição, não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2018, p.16).

Para entender melhor isso, Ceccarelli (2010) nos leva a refletir sobre um exercício de imaginação proposto por Sigmund Freud.

Freud nos encoraja a nos despojar da nossa existência corpórea e a nos colocar na pele de seres puramente pensantes, originários de outro mundo, chegando a um planeta Terra desconhecido. Nessa terra misteriosa, o aspecto que mais nos surpreenderia é a divisão em dois gêneros. Curiosamente, essa distinção não seria feita com base em diferenças anatômicas evidentes, mas, sim, por meio de “sinais externos mais óbvios”.

A partir dessa reflexão, o que Ceccarelli (2010) destaca é que, mesmo em um mundo fictício de seres puramente racionais, a noção de gênero persistiria como uma divisão fundamental. Isso sugere que, além das diferenças físicas, os fatores sociais e culturais têm um papel crucial na construção das identidades de gênero.

Todas essas perspectivas ressaltam a complexidade da identidade de gênero e como isso interfere nas identidades humanas e nas diversas áreas do conhecimento. Na antropologia, as noções de gênero vão além das diferenças sexuais anatômicas. Elas são moldadas de maneira simbólica e cultural, variando de uma sociedade para outra. O que é considerado masculino e feminino é, em grande parte, uma criação cultural. Nas interações psicossociais e interpessoais, o gênero desempenha um papel nos processos de subjetivação e socialização, moldando como as pessoas se veem e se comportam em sociedade. Na psicologia é discutida a identidade de gênero e o papel de gênero para descrever como os indivíduos vivenciam a pertença a um gênero específico. Isso envolve a forma como respondem aos ideais construídos social e historicamente associados a esse gênero. Esses conceitos são essenciais para entendermos como as pessoas se identificam e se relacionam com as normas de gênero que permeiam sua vida (CECCARELLI, 2010, p.270).

Dessa forma, podemos entender que o gênero, em sua essência, está relacionado à forma como uma pessoa se enxerga e se identifica com os padrões de comportamentos associados ao masculino e feminino, ou mesmo uma fluidez entre essas categorias. Esse espectro de identidade de gênero abrange uma ampla e complexa diversidade de experiências. Para algumas pessoas, sua identidade de gênero se alinha com o sexo biológico de nascimento, sendo chamadas de cisgêneros. No entanto, para outras, não há essa correspondência entre identidade de gênero e sexo biológico. Essas pessoas podem experimentar conflitos internos e externos, devido à discordância entre sua identidade de gênero e sexo, o que causa a disforia de gênero que veremos mais adiante.

O sexo, por sua vez, refere-se unicamente às características físicas e biológicas que são associadas ao masculino e feminino. No entanto, a natureza é complexa, e há casos de intersexualidade, onde os indivíduos apresentam características físicas que não se encaixam estritamente nas categorias binárias de homem ou mulher, como no caso dos hermafroditas. Portanto, os conceitos de gênero e sexo são distintos, reconhecendo a identidade de gênero como uma construção social e psicológica, enquanto o sexo se refere à biologia. Isso acarreta uma complexidade enorme sobre a identidade de uma pessoa e traz sofrimento para quem vivencia uma incompatibilidade entre seu sexo e seu gênero, o que nos leva à disforia de gênero (DULCI, 2019, p.12).

O QUE É A DISFORIA DE GÊNERO?

A disforia de gênero, conforme definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (2014, p.451), “Refere-se ao sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa”.

Isso pode ser diagnosticado quando: o indivíduo apresenta uma incongruência acentuada entre o gênero expresso e as características sexuais; forte desejo de se livrar das próprias características sexuais; forte desejo pelas características sexuais do outro gênero; forte desejo de pertencer ao outro gênero (ou algum gênero alternativo diferente do designado); forte desejo de ser tratado como o outro gênero; forte convicção de ter os sentimentos e reações típicos do outro gênero (DSM-5, 2014, p.452, 453)⁵.

Nesse sentido, podemos dizer que a disforia de gênero se trata de um fenômeno complexo no qual um indivíduo enfrenta uma profunda

5 No dia 25 de maio de 2019, “A Organização Mundial de Saúde (OMS) removeu da sua classificação oficial de doenças, a CID-11, o chamado ‘transtorno de identidade de gênero’, definição que considerava como doença mental a situação de pessoas trans – indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento”. A partir disso, a transexualidade foi incluída na sessão de saúde sexual, mudando o nome de “transtorno de identidade de gênero” para “incongruência de gênero”. Com essa reclassificação, a OMS procurou impactar positivamente a percepção de que as diversidades de gênero não são patologias ou doenças, diminuir a discriminação e, com isso, fornecer a essas pessoas uma melhor assistência à saúde, incluindo o acesso a serviços de prevenção, testagem e tratamento para o HIV. Fonte: <<https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as-mentais#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,lhes%20foi%20atribu%C3%ADdo%20no%20nascimento>>. Acesso em: 27 mar.2024.

desarmonia entre sua identidade de gênero interna e o sexo biológico de nascimento. Essa incongruência afetiva e cognitiva é tão intensa que acarreta um sofrimento clinicamente significativo.

Essa convicção vai além das normas sociais e padrões estabelecidos, levando a um comprometimento notável em várias esferas da vida. O impacto se estende desde as relações sociais até a esfera profissional e afetiva, tornando a busca pela autenticidade de gênero um desafio multifacetado.

É crucial compreender que a disforia de gênero não é um mero capricho, mas sim uma experiência legítima e dolorosa para aqueles que a vivenciam. O reconhecimento dessa realidade é um passo fundamental para garantir que as pessoas afetadas recebam apoio necessário para aliviar seu sofrimento (FLEURY, ABDO, 2018, p.148).

Esse entendimento é essencial para orientar profissionais de saúde mental, familiares e a sociedade em geral a oferecerem o suporte adequado, promovendo assim o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas que enfrentam a disforia de gênero. Mas como a igreja, que tem referência no aspecto do cuidado e do acolhimento, com pastores agindo como bons conselheiros espirituais, pode ajudar essas pessoas? Por que este assunto também tem que ser uma preocupação da igreja e dos pastores?

A LEI DA CRIAÇÃO AINDA TEM SEU VALOR

O ser humano, apesar do seu pecado, continua sendo objeto do cuidado divino, pois Deus permanece inalterado em sua natureza. Deus ainda é o soberano da história e o Criador supremo, e o pecado humano não tem o poder de remover essas características essenciais de Deus (FIGUR, 2022, p.161).

Mas, infelizmente, vivemos em tempos em que assistimos a uma notável transformação nas normas éticas e morais que governam a sociedade. O que uma vez era considerado inaceitável ou imoral, agora está sendo progressivamente aceito por uma grande parte da população. Comportamentos que eram historicamente desencorajados, agora são encarados como normais e, em alguns casos, até mesmo incentivados. Essas mudanças estão intrinsecamente ligadas a uma série de fatores, mas, principalmente, à crescente influência secular no mundo. Aos poucos,

o ambiente público e cultural parece se tornar cada vez mais hostil ao cristianismo (BERGMANN, 2022, p.95).

Arand, Biermann, (2007, p.127) analisam uma tendência presente em muitas sociedades ocidentais, caracterizada por uma certa rejeição daquilo que luteranos chamam de “lei natural” ou “lei da criação”. Essa lei é considerada como algo inerente à natureza humana e está escrita no coração do homem, como é mencionado em Romanos 2.15: “Estes mostram a obra da lei gravada no seu coração, o que é confirmado pela consciência deles e pelos seus pensamentos conflitantes, que às vezes os acusam e às vezes os defendem”.⁶ Essa lei da criação é vista como um conjunto de princípios éticos fundamentais que orientam a conduta humana e são universais.

Kolb (2013, p.133) sugere que a lei da criação está pressuposta nas estruturas sociais básicas, que ele chama de “estruturas vocacionais”. Essas estruturas referem-se aos contextos em que a vida humana se desenrola, como a família, o trabalho, a fé e a sociedade como um todo. Dentro dessas estruturas, as interações e relacionamentos humanos são moldados pela “lei da criação”, que influencia as normais morais, éticas e responsabilidades dentro desses domínios.

É muito importante valorizar essas estruturas vocacionais, pois são consideradas como parte do propósito de Deus e são fundamentais para atender às necessidades do próximo. O ser humano tem um valor muito importante para Deus. Isso significa que o nosso valor não está ligado apenas à nossa utilidade funcional, mas é inerente à nossa própria existência (FUHRMANN, 2020, p.100).

Quando a lei, que costumava ser fundamentada na criação e em princípios universais, é substituída por valores pessoais escolhidos individualmente, a autoridade da lei enfraquece. Isso acontece porque a força da lei costumava residir em sua conformidade com princípios subjacentes à ordem natural divina. Mas quando se torna uma questão de escolha pessoal, sua capacidade de acusar ou regular a conduta humana enfraquece.

Os seres humanos, em geral, não conseguem funcionar sem alguma forma de regulação ou lei em sua vida. A ausência de normas ou diretrizes

⁶ As citações bíblicas deste artigo foram feitas com base na Bíblia de Estudo Nova Almeida Atualizada.

comuns levaria ao caos. Por isso, diante da perda da lei natural da criação, “padrões objetivos e universais para a vida humana foram substituídos por maneiras de agir politicamente corretas – a única lei obrigatória no século XXI” (ARAND, BIERMANN, 2007, p.127 – Tradução nossa).

QUEM SOMOS? DEUS RESPONDE!

Na perspectiva da antropologia bíblica (bíblico-cristã), a perda da lei da criação reflete em como os seres humanos vivem sua vida e enxergam a sua identidade no mundo. As pessoas cada vez mais buscam no mundo secular as respostas para sua vida. Buscam a sua identidade não mais no que Deus diz, mas, sim, no que o mundo diz. Por isso, precisamos sempre lembrar que não somos nós que definimos quem somos ou a nossa identidade, mas é Deus, por meio da sua Palavra e vontade. Como Schumacher (2017, p.53) bem lembra, “somos humanos na medida em que somos interpelados pela Palavra de Deus, porque a Palavra não nos traz simplesmente informações exatas a respeito de Deus, mas de fato cria a realidade que descreve.” Precisamos olhar o ser humano a partir do que Deus diz, e não a partir do que nós dizemos que somos:

A antropologia teológica procura ver os seres humanos na sua totalidade, e não analisados em forma de informação técnica isolada de ordem genética, biológica, comportamental ou de condicionamento social. A teologia não nos dá nenhuma informação a respeito do DNA; o Evangelho não especifica políticas relacionadas com trabalho e capital. Mas a teologia nos ajuda a sintetizar os fragmentos do conhecimento que temos de nós mesmos e a entender a nossa condição humana de maneira holística, pois, por meio da teologia, começamos a nos conhecer assim como somos conhecidos por Deus (SCHUMACHER, 2017, p.49).

Entender como somos conhecidos por Deus é crucial para viver aqui no mundo. No entanto, essa resposta não encontramos internamente, mas externamente. Não encontramos em nós mesmos, mas em Deus. “Identidade, portanto, segundo a antropologia bíblico-cristã, não é um fenômeno que se produz, tampouco se conquista; ela é uma definição

alheia aos seres humanos e só pode ser dada por seu Criador” (FIGUR, 2022, p.153).

Ao reconhecer Deus como o Criador, colocamos o foco na origem divina da existência humana e do universo como um todo. A atenção recai sobre a fonte da criação e a relação fundamental entre Deus e a humanidade. O propósito não é apenas entender o ser humano em si, mas também compreender a relação entre o ser humano e Deus; criatura e Criador. A humanidade e toda a criação são uma expressão da vontade divina. Isso traz implicações profundas na forma como compreendemos a existência humana, seu propósito e sua relação com Deus (SCHUMACHER, 2017, p.53).

Nesse sentido, Bayer (2007, p.111) compreende o ser humano em três aspectos fundamentais. Primeiro: o ser humano é criatura de Deus. Isso implica que os seres humanos são feitos à imagem de Deus e criados para cumprir um propósito divino em sua existência. Como criaturas, os seres humanos têm uma relação intrínseca com o Criador e dependem de Deus para sua existência e orientação. Segundo: o ser humano se afastou de Deus e da sua vontade com a queda em pecado e perdeu a sua natureza inicial de criaturas perfeitas de Deus. Terceiro: temos uma restauração e redenção que ocorre por meio de Jesus Cristo. Por meio da morte e ressurreição de Jesus, os seres humanos foram reconciliados com Deus e recebem a oportunidade de restaurar sua relação com o Criador e, novamente, com a ajuda do Espírito Santo, cumprir a vontade de Deus.

Agora, como seres humanos restaurados, vamos entender que a nossa identidade não somos nós que definimos, mas é Deus, o nosso Criador, quem a define. “Quem diz quem nós somos, o que nos qualifica e nos fornece a estrutura de nossa identidade não é nosso gênero, nem nosso sexo, nem nossa sexualidade. Antes, é nossa nova aliança com Cristo” (DULCI, 2019, p.27).

Como criatura de Deus restaurada por Cristo, agora sabemos que “ele me deu e, sem cessar, conserva corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência e assim por diante” (LUTERO, 2021, p.465). É por isso que podemos compreender que a identidade humana não é definida por uma construção social, mas é um decreto divino. Somos criaturas que têm a sua origem na mão de Deus e somos feitos à sua imagem (KOLB, 2009, p.20). “O que importa não é o

que a sociedade diz a meu respeito nem o que penso de mim, mas o que Deus diz e pensa” (KELLER, 2018, p.178).

Não precisamos ir longe nas Escrituras Sagradas para ver o que Deus pensa de nós e como ele define a nossa identidade:

E Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra.” Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gn 1.26-27).⁷

Encontramos aqui uma visão integral do ser humano. O ser humano não é simplesmente composto por partes separadas de corpo, alma e espírito, mas é a fusão inseparável desses elementos. Essa união inclui tanto homens como mulheres, reconhecendo a distinção e a complementariedade de gênero, enquanto mantém a igualdade de dignidade, pois são vistos como criados à imagem de Deus (SCHWAMBACH, 2017, p.123).

A Bíblia afirma ser Deus quem define o ser humano e lhe confere a identidade. Portanto, a relação com o criador é constitutiva para a compreensão do fenômeno humano. A identidade e dignidade do ser humano emanam de sua qualidade de imagem de Deus (BRAKEMEIER, 2002, p.18).

A anatomia do corpo, a alma e o nosso espírito são partes intrínsecas da nossa identidade e não podem ser separadas de forma simplista, como se fossem irrelevantes ou sem importância ou não causassem nenhum problema físico ou psicológico. Na perspectiva cristã, todo “ser” humano faz parte de uma coisa só. Separá-lo, como se nosso corpo, alma e espírito

⁷ Martinho Lutero, ao comentar sobre Gênesis 1.27, diz que: “Deus dividiu os seres humanos nessas duas partes, para que houvesse homem e mulher, ele e ela. E isso lhe agradou tanto que ele próprio o chamou uma boa criatura. Por isso, cada qual tem que aceitar o corpo tal como Deus lho criou, e não está em meu poder transformar-se em mulher, nem está em teu poder transformar-te em homem. Tal como fez a ti e a mim, assim somos, eu um homem, tu uma mulher. E Deus quer que essas boas criaturas sejam honradas e respeitadas como obra divina, e não permite que o homem despreze ou ridicularize a mulher ou a moça. Nem tampouco a mulher o homem, mas cada qual honre a pessoa e o corpo do outro como boa obra de Deus, que agrada ao próprio Deus” (LUTERO, 1995, p.161-162).

não se complementassem, traria consequências ruins para a vida no mundo. E, claro, o pecado original tem seu papel nisso (SCHWAMBACH, 2017, p.124).

O PECADO ENTROU NO MUNDO

O pecado é uma doença grave que afeta a condição humana, resultando na corrupção e na quebra das relações com Deus e com outros seres humanos (BRAKEMEIER, 2002, p.55). Ele não é apenas visto como uma transgressão que coloca o ser humano em desobediência a Deus, mas também é compreendido como uma falha que afeta profundamente todas as dimensões da existência humana. Ele é percebido como uma corrupção que se estende a todas as facetas da vida humana. Isso significa que afeta não apenas a relação do ser humano com Deus, mas também distorce a compreensão, o conhecimento e a interação do ser humano consigo mesmo, com o mundo ao seu redor e com os outros (SCHUMACHER, 2017, p.56).

Nesse sentido, a queda radical do ser humano fez com que toda a criação de Deus fosse deturpada, tanto vertical (nossa relação com Deus) quanto horizontalmente (nossa relação com as pessoas). Ou seja, “não só toda a criação de Deus foi depravada (horizontalmente), mas a profundidade dessa depravação (verticalmente) é total” (DULCI, 2019, p.28).

Toda a criação sofre com o pecado. Enquanto muitas vezes falamos sobre a “graça comum de Deus” que beneficia a todos, sejam bons ou maus, justos ou injustos, também é evidente que a adversidade e a desgraça são experiências compartilhadas que afetam todas as criaturas de maneira abrangente. O pecado não está limitado à vida de apenas algumas pessoas e não se restringe apenas aos aspectos religiosos da existência. Pelo contrário, ele afeta toda a criação, desviando-a da direção de Deus, incluindo aspectos da vida como a sexualidade e a identidade humana, gêneros, e assim por diante (DULCI, 2019, p.28).

Quando afirmamos que o pecado afeta a sexualidade humana em todas as direções, isso significa que não podemos isolar apenas as orientações sexuais diferentes, como as homoafetivas, bissexuais e transexuais, como se fossem as únicas afetadas pelo pecado. Na realidade, o pecado deixa sua marca em todas as dimensões da sexualidade humana, incluindo as

orientações heterossexuais. É fundamental reconhecer que não é o indivíduo com atração homoafetiva que está em desobediência a Deus, mas, sim, a humanidade como um todo. Todas as pessoas experimentam as consequências do pecado em sua sexualidade. Seria desonesto, insensível e contrário às Escrituras Sagradas negar que o pecado também afeta as experiências heterossexuais (DULCI, 2019, p.30).

Infelizmente, existem cristãos que reproduzem comportamentos contraditórios em relação à sexualidade. Elas condenam a homossexualidade, mas ao mesmo tempo, celebram comportamentos lascivos na sexualidade heterossexual. Também é comum observar a condenação do feminismo, ao mesmo tempo em que são apoiadas expressões culturais sexistas. Como Dulci (2019, p.35) chama atenção, em situações em que pais são chamados para discutir incidentes envolvendo seus filhos, como relacionamentos precoces ou pornografia, frequentemente se ouve comentários do tipo: “Pelo menos meu filho gosta de mulher, certo, pastor?” ou “Pelo menos ele não é gay, não é, pastor?” Esse tipo de alívio reflete a angústia dos pais, que muitas vezes não sabem como abordar de maneira genuinamente cristã a formação da identidade e da sexualidade de seus filhos.

Por isso, é crucial reconhecer que celebrar a heterossexualidade a qualquer custo, como se isso também não tivesse sido afetado pelo pecado e quem é hétero está livre de cometer pecado, não é a abordagem correta. Uma sexualidade construída com base em pornografia, abusos infantis e sexismo cultural, mesmo que seja heterossexual, está longe dos padrões morais bíblicos para a sexualidade humana. Devemos refletir sobre de onde as crianças estão adquirindo seus padrões morais em relação à identidade de gênero e à sexualidade. “Eles estão seguindo as Escrituras ou se baseando em modelos de comportamento encontrados em vídeos, celebridades ou na cultura popular?” (DULCI, 2019, p.35).

Uma pessoa que crê em Deus e foi regenerada por Cristo pode passar por provações e sofrer tentações em várias áreas da vida, inclusive no que se refere à atração por pessoas do mesmo sexo, ou ao se identificar com um sexo diferente. Da mesma forma que pessoas piedosas lutam ao longo de sua vida com desejos heterossexuais desordenados, alguém que foi alcançado por Cristo pode também enfrentar intensas batalhas no que diz respeito a desejos inadequados com relação ao seu sexo e sua identidade. Não existe diferença entre os pecados nesse sentido, pois todos eles levam

alguém para a condenação se não houver arrependimento sincero. Todas as pessoas precisam diária e igualmente da graça de Jesus. Não há aceção de pessoas nesse sentido (DULCI, 2019, p.5).

Desejos inadequados por causa do pecado sempre existiram. Ao observar, por exemplo, o apóstolo Paulo aos Coríntios, nota-se que ele condena uma série de atos que eles estavam cometendo antes de estarem em Cristo e fazerem parte da igreja, e os orienta a não voltar ao antigo modo de vida:

Ou vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se enganem: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem afeminados, nem homossexuais, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o Reino de Deus. Alguns de vocês eram assim. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus (1Coríntios 6.9-11).

O apóstolo Paulo está reconhecendo a presença persistente do desejo de voltar a esses comportamentos característicos da vida anterior a Cristo. No entanto, é importante notar que Paulo não condena simplesmente esse desejo. Em vez disso, ele orienta seus leitores a reconhecerem, rejeitarem e resistirem a esse desejo, porque eles “foram lavados, santificados e justificados no nome de Cristo”.

Dulci (2019, p.27) compara isso à experiência de um adolescente com atração homoafetiva, onde o desejo (a tentação) pode persistir e vai estar lá, mas, em Cristo, ele é transformado e não é mais o mesmo que era antes. Agora, a busca do cristão vai ser viver para honrar a Deus, pois a nossa identidade, por causa de Cristo, agora está nele, não em nós mesmos.

O desejo de cometer pecados vai persistir. O ser humano, aqui no mundo, sempre será tentado. Mas em Cristo, somos impulsionados pelo Espírito que produz virtudes que resultam da obra redentora de Jesus aplicada em nossos corações. Somente dessa forma podemos reconhecer a natureza imutável e direcionada de nossa sexualidade e abordá-la de maneira que não prejudique o processo de restauração da imagem e semelhança divina em nossa nova identidade em Cristo, iniciado pelo Espírito Santo. Ele transforma nossa vida para termos valores que dizem

respeito ao Reino de Deus, independentemente se as tentações ou desejos continuarem a persistir. Um cristão sempre vai lutar contra seus desejos pecaminosos com a ajuda do Espírito Santo.

HOMEM É HOMEM, MULHER É MULHER

Mas o que Deus diz que é a nossa sexualidade e identidade humana? Quando olhamos para Deuteronômio 22.5, vamos ver o que Deus ordena aos israelitas: “A mulher não deve usar roupa de homem, e o homem não deve vestir roupa de mulher, pois quem faz isso é abominável ao Senhor, seu Deus.”

Para Deus, uma mulher é uma mulher, e um homem é um homem. Quando um homem afirma que é uma mulher presa em um corpo de homem ou uma mulher afirma que é um homem preso em um corpo de mulher, a realidade é que ele ou ela é um pecador preso no corpo que Deus planejou para ele ou ela desde o momento da concepção (JURITSCH, 2019, p.40 – Tradução nossa).

Não devemos misturar as expectativas culturais ou subculturais sobre o que define a identidade de um homem ou de uma mulher com o que Deus estabelece como requisitos para a identidade de gênero. Mesmo quando vivemos em sociedades majoritariamente cristãs, não podemos presumir que o que essas sociedades consideram como o ideal de homem ou mulher esteja alinhado com as diretrizes da palavra de Deus. Em outras palavras, a visão cultural sobre o que é ser homem ou mulher nem sempre reflete a vontade divina. Portanto, é fundamental discernir entre as normas culturais e as orientações divinas em relação à identidade de gênero (JURITSCH, 2019, p.41).

O nosso corpo é um presente dado por Deus. Tanto a nossa vida física como a espiritual são vistas como presentes de Deus. Por meio dessas coisas, o cristão testemunha a sua fé e confiança em Deus, como também a sua dependência, servindo e louvando ao Criador (PETERS, 2011, p.62). “A criação é boa, porque o criador é bom. Ambos não deixam de ser bons, mesmo que o ser humano não reconheça ou os tenha como inimigos” (FIGUR, 2022, p.154).

Mesmo quando o ser humano cai em pecado e experimenta as consequências da queda, ele ainda é criação de Deus, mantendo sua condição original como criatura divina. Ao mesmo tempo, ele permanece pecador, mas também é justificado quando Deus o conduz à graça por meio do batismo. Portanto, o ser humano é, ao mesmo tempo, totalmente criatura, totalmente pecador e totalmente justificado (FIGUR, 2022, p.172).

A ênfase está na transformação que ocorre em Cristo, onde o ser humano se torna uma nova criatura, um filho amado e perdoado, e é libertado da culpa que o aflige. Essa condição sobrenatural é muito superior à condição natural da humanidade. Enquanto a condição humana em geral é caracterizada por sua natureza criada, a do cristão é marcada por sua nova natureza sobrenatural como filho de Deus, que foi perdoado e justificado. Portanto, a nossa identidade humana é transformada por Cristo por meio da fé. Como nova criatura, o cristão vai procurar agir de acordo com a vontade de Deus (FIGUR, 2022, p.172). Apenas Deus tem a capacidade de se comunicar com o ser humano em sua essência fundamental e inalterada de criatura. E ele faz isso por meio de Jesus Cristo. Somente a verdade (Cristo), que é revelada por Deus, e na qual acreditamos em virtude de Deus, apesar do nosso entendimento da realidade, é a maneira pela qual Deus aborda a natureza fundamental do ser humano como criatura (BO-NHOEFFER, 2020, p.116).

COMO AJUDAR PASTORALMENTE PESSOAS COM DISFORIA DE GÊNERO?

Pensando na pessoa que sofre com a disforia de gênero, que não se identifica com o corpo que Deus deu a ela, como a igreja, por meio de seus pastores, pode ajudar?

Será que simplesmente dizemos a uma pessoa que afirma ser transgênero que Deus a criou como ela é e que ela deve seguir o programa? Bem, será que simplesmente dizemos ao alcoólatra que Deus diz que ele deve ficar sóbrio, portanto, siga o programa? Não! Reconhecemos que a Lei revela o pecado, mas não salva o pecador. A tarefa de um pastor não é simplesmente açoitar repetidamente com o chicote da Lei uma pessoa que pensa que seu sexo biológico é apenas um sexo presumido e não seu gênero real, até que ela caia

em si e comece a aceitar que é um homem (JURITSCH, 2019, p.37 – Tradução nossa).

Certamente, como pastores, devemos proclamar a lei em sua plenitude e pureza. No entanto, ao fazê-lo, é essencial lembrar que somos cristãos e reconhecemos que a lei não tem o poder de salvar. Mesmo para alguém que reconheça que a disforia de gênero é pecado, continua existindo a luta comum que todos os pecadores passam, como é dito em Romanos 7.14-15: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual. Eu, porém, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto.”

Portanto, como pastores, devemos considerar como podemos, por meio da palavra de Deus, auxiliar uma pessoa que não se identifica com o corpo que nasceu, a reconhecer que está seguindo um caminho equivocado. Uma vez que essa pessoa reconhece o pecado, é importante ajudá-la a resistir à tentação de reincidir. Isso requer um apoio constante e aconselhamento fundamentado na Escritura Sagrada. O objetivo é ajudar a pessoa a crescer espiritualmente e a lidar com suas lutas, assim como fazemos com qualquer pessoa que busca o arrependimento e a santificação (JURITSCH, 2019, p.40). Mesmo que não consigamos entender a luta específica contra a disforia de gênero, conseguimos entender a luta contra o pecado.

Conforme destacado por Juritsch (2019, p.42), muitas pessoas que enfrentam a disforia de gênero raramente se aprofundam na busca das raízes de suas dificuldades relacionadas à identidade de gênero. Em alguns casos, somente após submeterem-se a cirurgias de mudança de sexo e perceberem que essa transição não resolve todos os seus problemas, começam a considerar a busca de aconselhamento pastoral ou cristão. Dessa forma, por vezes, essas pessoas descobrem que a questão de gênero era, na verdade, uma máscara que escondia uma série de outras questões subjacentes, como traumas resultantes de abusos, experiências de abandono, problemas de saúde, a falta de apoio da família na formação de sua sexualidade, entre outros.

É importante ressaltar que essas coisas, sozinhas, não explicam todas as situações que podem envolver a disforia de gênero. Mas, pensando sobre essas questões subjacentes, Juritsch (2019, p.33) cita o exemplo da jovem Cari, uma moça que fez uma detransição quando percebeu que uma

transição para o gênero masculino não resolvia seus problemas. Ela nos faz refletir sobre como remédios e hormônios podem mudar a vida de alguém, e um problema sério é visto como algo tão banal. Nas palavras de Cari:

Na verdade, como eu só consultava um terapeuta uma vez por mês, foi depois de três ou quatro consultas que me receitaram testosterona, sem nenhuma tentativa significativa de processar os problemas que eu levantei e que, em parte, levaram ao meu desejo de fazer a transição. Quando eu estava fazendo a transição, ninguém da área médica ou psicológica tentou me dissuadir, oferecer outras opções ou fazer qualquer coisa para me impedir, além de me dizer que eu deveria esperar até os 18 anos. Quero lhe perguntar: quantas outras condições médicas existem em que você pode entrar no consultório médico, dizer que tem uma determinada condição, que não tem nenhum teste objetivo, que pode ser causada por traumas ou problemas de saúde mental ou fatores sociais, e receber medicamentos que alteram a vida com a sua palavra? (JURITSCH, 2019, p.33 – Tradução nossa).

Portanto, a principal responsabilidade do pastor ou cristão conselheiro será sempre ouvir atentamente essas pessoas que se encontram em um momento de confusão, buscando compreender o porquê de sentirem que pertencem ao gênero oposto. Isso, na maioria das vezes, não está ligado à dimensão cognitiva ou volitiva da pessoa, mas à emocional, independentemente da sua vontade. Por isso, quando um conselheiro as escuta verdadeiramente e aborda a situação com amor, mesmo quando a verdade que precisa ser compartilhada é a dura realidade da lei, “minimizaremos os danos, ao contrário de muitos profissionais com diplomas em psiquiatria” (JURITSCH, 2019, p.42 – Tradução nossa). Com frequência, a batalha não está relacionada ao sexo biológico em si, mas, sim, aos falsos estereótipos impostos às pessoas com base em seu sexo de nascimento, muitas vezes influenciados pela família ou pela comunidade.

Dulci (2019, p.21) propõe que, para ajudarmos pessoas que passam pela disforia de gênero, a primeira coisa que é preciso fazer é compreender que “a sexualidade humana é tanto estrutural quanto direcional”. A “estrutura” é a essência do ser humano. Diz respeito ao “ser criatura de Deus”, criada à sua imagem e semelhança. A direção, no entanto, é o desvio pecaminoso dessa ordem estrutural de Deus e à conformidade a ela renovada em Cristo.

O pecado colocou as estruturas criacionais de Deus em uma direção apóstata à sua vontade. As boas estruturas de Deus, por causa do pecado, foram colocadas em oposição a ele. E isso também diz respeito à sexualidade humana.

A sexualidade é uma estrutura boa, criada por Deus para sua glória, que nos define como seres sexualizados. Fomos concebidos para viver nossos relacionamentos, afetividade e sexualidade de acordo com os padrões divinos, como Lutero (2021, p.388) bem diz na explicação do sexto mandamento no *Catecismo Menor*: “Devemos temer e amar a Deus, de maneira que vivamos vida casta e decente em palavras e ações”. Também, no *Catecismo Maior*, Lutero (2021, p.444) amplia isso dizendo: “Cumpre, assim, que o coração, os lábios e o corpo todo sejam castos e não abram espaço à incastidade, nem deem ajuda e conselho a ela favoráveis”.

Infelizmente, o pecado desvia nossa sexualidade em uma direção oposta, perturbando a ordem e causando uma desordem considerável. Isso afeta profundamente quem somos, incluindo nossa identidade. Ao mesmo tempo, as Escrituras Sagradas enfatizam e celebram a importância do nosso corpo, nossos desejos e o desejo de pertencer uns aos outros, buscando relações e intimidade que nos completem. Ao fazer isso, também reconhece, rejeita e resiste às distorções e disfunções que o pecado trouxe às nossas relações, desejos e até mesmo nosso corpo (DULCI, 2019, p.22, 24).

Para entender melhor isso, Dulci (2019, p.26) usa o exemplo de um adolescente que, pela primeira vez, está sentindo atração sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Como um conselheiro espiritual irá ajudar esse adolescente? Ajudando-o a discernir entre o que é estrutural e direcional em sua situação. Dulci destaca que é bom (estrutural) esse adolescente se descobrir tanto afetiva quanto sexualmente. Afinal, fomos criados como seres sexualizados e Deus é glorificado também com a nossa sexualidade. No entanto, é crucial ensiná-lo que, a partir da visão bíblico-cristã, uma relação afetiva com alguém do mesmo sexo não será capaz de satisfazer suas expectativas de complementação em todos os níveis: físico, emocional e significativo. Devemos explicar, de maneira acessível ao entendimento do adolescente, que a prática homossexual não está de acordo com as expectativas que Deus tem para a identidade e a sexualidade humanas.

Nossa identidade vai muito além de nossas ações e práticas. Podemos entender a abordagem dos autores do Novo Testamento, como o apóstolo Paulo, ao lidar com questões de moralidade, reconhecendo que não restringiam a identidade das pessoas aos seus sentimentos e comportamentos.

Quando o apóstolo Paulo menciona várias práticas que não levarão as pessoas a herdarem o reino de Deus, incluindo mentirosos e imorais, ele enfatiza que “alguns de vocês eram assim” (1Co 6.11a). No entanto, ele aponta que a identidade dessas pessoas foi transformada: “vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6.11b). Isso significa que a identidade delas não está mais ligada ao que faziam no passado ou aos desejos que possam persistir. Através da fé em Cristo, elas experimentaram uma mudança radical em sua identidade, e agora sua verdadeira identidade está escondida com Cristo em Deus (Cl 3.3). Essa visão da identidade e sexualidade é libertadora, permitindo que as pessoas se desprendam do passado e abracem uma nova identidade baseada na redenção em Cristo (DULCI, 2019, p.37).

Assim, através do aconselhamento cristão e da proclamação do evangelho, os pastores buscam direcionar as pessoas a afastarem o foco de si mesmas e a deixarem de se enxergar como totalmente impuras, completamente desajustadas, ou até mesmo irremediavelmente perdidas. Mesmo que demonstremos rebeldia, é importante reconhecer que há estruturas em nós que são intrinsecamente boas. Além disso, é fundamental compreender que, apesar da trajetória rebelde que essas estruturas tenham tomado por causa do pecado, mudando-as de direção, o poder transformador do evangelho é capaz de reorientar o caminho do nosso coração. O objetivo é guiar as pessoas a reconhecerem a complexidade de sua natureza, reconhecerem o seu pecado, mas também mostrar-lhes a esperança e a restauração que o evangelho oferece (DULCI, 2019, p.44).

Através da obra do Espírito Santo, somos consagrados e tornados santos por Deus. Isso não implica que Deus nos dá novas habilidades ou capacidades que não tínhamos anteriormente. Em vez disso, a santificação nos capacita a usar corretamente os dons e talentos que já possuíamos, em vez de usá-los de maneira pecaminosa. Essa transformação nos permite pensar, desejar e amar de uma maneira que honre a Deus, alinhando nossos pensamentos com os de Deus e agindo de acordo com sua vontade.

A santificação é uma obra do Espírito de Deus através da qual Deus nos liberta da contaminação do pecado. Isso ele faz renovando a nossa natureza conforme sua imagem – ou seja, aquelas estruturas criacionais, que estavam em uma direção rebelde, são redirecionadas pelo Espírito Santo para apontarem outra vez para a imagem e semelhança divina à qual fomos criados. É como se o Espírito Santo nos despertasse para enxergar esse direcionamento equivocado e nos dissesse: “É pra cá, nessa direção, que você vai caminhar agora... E eu vou te ajudar!” (DULCI, 2019, p.46).

Por mais difícil que sejam os desafios que enfrentamos, ou nossas dores e conflitos que vivenciamos, “com o perdão vem um novo ser, uma nova autoidentidade, uma nova direção e força” (JURITSCH, 2019, p.42 – Tradução nossa). Embora continuemos a pecar, não deixamos de ser redimidos por Cristo.

Na santificação, as nossas estruturas se mantêm as mesmas. Continuamos desejando, amando, querendo da mesma forma. A diferença é que agora temos o Espírito Santo operando em nosso coração, nos movendo a desejar, amar, e sentir de uma maneira que glorifique a Deus. “As estruturas permanecem, mas a direção é alterada segundo a eficácia do poder do Espírito, que nos redireciona e começa em nós a obra de redenção” (DULCI, 2019, p.47).

Nossa natureza decaída sempre vai continuar a tentar nos arrastar para baixo, nos identificando apenas como homossexuais, transgêneros, alcoólatras, fofoqueiros, adúlteros, pecadores. No entanto, Deus em Cristo nos diz que somos perdoados, absolvidos, justificados e purificados.

Quando a fé é gerada pelo poder do Espírito Santo, esse mesmo Espírito leva o pecador a lutar contra o pecado e, com o tempo, a abandonar certas práticas, se estas estiverem em conflito com a vontade do Criador. Necessitamos de uma orientação externa, que venha de fora de nós, não apenas para nos chamar ao arrependimento e nos conceder perdão, mas também para nos conduzir ao longo de nossa jornada terrena, até o dia em que estaremos novamente diante do Criador (FUHRMANN, 2020, p.105). Na eternidade, seremos transformados de forma permanente. Essa é a esperança inabalável do cristão.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo do artigo, foi destacado como é fundamental reconhecer que a disforia de gênero é uma experiência real e dolorosa, e que as pessoas que a vivenciam precisam de apoio e compreensão. E a base para este apoio está nas Escrituras Sagradas.

Além disso, foi ressaltado que a nossa identidade não é algo meramente social ou pessoal, que nós mesmos ou a sociedade pode determinar, mas um presente divino, pois fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Por isso, o artigo enfatizou que é Deus que determina a nossa identidade, por meio da sua criação e Palavra.

Por outro lado, também foi abordado como o pecado influencia negativamente a forma como entendemos nossa identidade e sexualidade, muitas vezes nos afastando das Escrituras e da vontade de Deus.

Na perspectiva pastoral, foi enfatizada a importância de ter uma escuta atenta, impregnada de amor e compaixão, à medida que as pessoas que enfrentam desafios relacionados à sua identidade de gênero buscam compreender sua própria situação. Por meio do aconselhamento cristão e da proclamação do evangelho, os pastores desempenham um papel crucial ao guiar essas pessoas em direção à esperança e orientação proporcionadas por Deus através do Espírito Santo, lembrando que Cristo Jesus pode transformar a nossa identidade de pecaminosa para uma identidade santa e justificada.

Quando o Espírito Santo nos santifica, nossas estruturas permanecem intactas, mas são redirecionadas de um estado pecaminoso para um estado santificado, que honra a vontade de Deus. Em outras palavras, os nossos desejos e anseios continuam ativos, mas agora o foco deles não está mais voltado ao estado pecaminoso, mas novamente voltado para o estado santo e perfeito da criação.

Apesar dos desafios e dores que, como pecadores, enfrentamos, o perdão traz consigo uma nova identidade, uma nova direção e força. Nossa natureza caída pode nos lembrar constantemente do pecado, mas Deus, em Cristo, nos assegura que somos perdoados, justificados e purificados.

Por fim, foi destacado que o Espírito Santo capacita o pecador a lutar contra o pecado e a abandonar práticas em conflito com a vontade

do Criador. Assim, é necessário buscar orientação externa, que vem de Deus, para nos conduzir em nossa jornada terrena, até o dia em que estaremos diante dele.

Este artigo, portanto, ressaltou a importância de manter uma perspectiva centrada em Deus e na redenção em Cristo Jesus, oferecendo esperança e apoio àqueles que enfrentam desafios de identidade de gênero, mais especificamente, a disforia de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAND, Charles; BIERMANN, Joel. “Why the Two Kinds of Righteousness?” *Concordia Journal*, v.33, n.2, p.116-135, Spring 2007.

BAYER, Oswald. O ser humano: imagem fiel de Deus. In: BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BERGMANN, Miguel Z. O testemunho cristão na pós cristandade. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.83, n.2, p.93-120, nov.2022.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo: antigo e novo testamento*. Tradução João Ferreira de Almeida, Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BONHOEFFER, Dietrich. *Criação e queda*. Trad. Dilmar Devantier. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões, p.269-285. In: RIAL, Carmen. *Diversidades: Dimensões de gênero e Sexualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

DULCI, Pedro. *Identidade e sexualidade: reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília: Monergismo, 2019.

FERRARI, Geala Geslaine; CAPELARI, Rogério Sato. A despatologização do transtorno de identidade de gênero: uma crítica à patologização e o enaltecimento ao direito à identidade sexual dos indivíduos trans. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, XI,

2014, Santa Cruz do Sul. *Mostra Internacional de trabalhos científicos*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2014.

FIGUR, Renan. Identidade à luz do Pai Criador: O ser humano como criatura e Filho de Deus. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.83, n.2, p.151-174, nov.2022.

FLEURY, Heloisa Junqueira; ABDO, Carmita Helena Najjar. Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. *Diagn. Tratamento*, São Paulo, p.147-151, out/set.2018.

FUHRMANN, Samuel R. A igreja está na pós-modernidade em direção a uma resposta luterana ao relativismo ético. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.81, n.2, p.87-106, dez.2020.

JURITSCH, Richard F. Responding Pastorally to the Transgender Movement. *Lutheran Theological Review*, St. Catharines, n.31, p.26-45, 2019.

KELLER, Timothy. *Deus na era secular: como os cétricos podem encontrar sentido no cristianismo*. Trad. Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KOLB, Robert. “Called to Milk Cows and Govern Kingdoms: Martin Luther’s Teaching on the Christians Vocations.” *Concordia Journal*, v.39, n.2, p.133-141, Spring 2013.

_____. *Comunicando o Evangelho hoje*. Trad. Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2009.

LUTERO, Martinho. Catecismo Menor e Maior. Trad. Arnaldo Schuler. In: *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

_____. Sexualidade: Matrimônio – Bigamia – Divórcio – Prostituição. In.: *Obras Selecionadas*, v.5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.

DSM-5. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. [American Psychiatric Association; Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PEETERS, Marguerite A. *O gênero: uma norma política e cultural mundial*. Ferramenta de discernimento. São Paulo: Paulus, 2015.

PETERS, Albrecht. The First Article about God as Our Creator. In: PETERS, Albrecht. *Commentary on Luther’s catechisms: Creed*. Trad. Thomas H. Trapp. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.

SCHUMACHER, William W. Antropologia em Lutero e Osiander: uma diferença que persiste. In: BUSS, Paulo W. (Org). *Lutero e a antropologia: potencialidades e limites do ser humano*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

SCHWAMBACH, Claus. Sobre Justiça de Gênero e Ideologia de Gênero – propostas para um diálogo. *Vox Scripturae*, São Bento do Sul, v 25, n.1, p.97-148, jan-abr.2017.